



A Interface Comunicação e Educação em Congressos Científicos: Diferenças e Aproximações¹

Iris TOMITA²

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

Rosa Maria DALLA COSTA³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

Embora composta por áreas de campos distintos, a interface Comunicação e Educação é interesse comum nos Congressos de suas respectivas áreas: Intercom e Anped. Apresentamos aqui uma reflexão sobre as categorias educacionais predominantes nos trabalhos apresentados no GT Educação e Comunicação da 33^a. Reunião Anual da Anped e no GP Comunicação Educativa do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, a partir dos artigos disponíveis em seus respectivos anais. Observamos que os 31 artigos do Intercom e os 15 artigos da Anped apresentados nos congressos de 2010, localizam-se predominantemente em vertentes que apresentam mais aproximações do que diferenças.

Palavras-chave: Comunicação; Educação; Congresso.

Comunicação e Educação

A conquista da cidadania tem seu histórico vinculado aos ideais do projeto iluminista da modernidade sobre os Direitos Humanos baseados no progresso, na razão e no saber. Entre os direitos idealizados, destacam-se o direito à Educação, em que ao sujeito emancipado estavam dispostos mecanismos de acesso aos textos que abririam caminhos para conhecer os saberes e as técnicas desenvolvidos pela humanidade e o direito à Comunicação, um espaço para a livre expressão pública era criado para as opiniões de cidadãos autônomos, sob o resguardo do avanço tecnológico com inventos da imprensa e outros meios de comunicação que permitiriam o processo da democracia (BELLONI, 1998).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Educativa do DT Interfaces Comunicacionais, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Assistente do Departamento de Comunicação Social da Unicentro, formada em Comunicação Social, mestre e doutoranda em Educação pela UFPR.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR.



Esses ideais estão presentes nos dias de hoje, um momento histórico marcado pela forte presença do avanço da tecnologia que possibilita um projeto audacioso para a consolidação de um campo que procura articular essas duas áreas já complexas em si mesmas. Uma das diversas vertentes de lançar olhares sobre essa interface de campos, conta com o apoio do progresso das ciências e dos avanços tecnológicos, onde convergem os dois campos: a Comunicação e a Educação.

Convivemos com uma enorme quantidade de informações facilitadas pela tecnologia e é impossível imaginar a vida sem as tecnologias de informação e de comunicação. Computador, celular, internet, câmeras digitais, e-mails, redes sociais de relacionamento, mensagens instantâneas. Com o avanço do progresso tão desejado pela modernidade, a tecnologia extrapolou as vantagens produtivas em ambiente industrial, inserindo-se também em outras instâncias sociais. A tecnologia, que entrou em nossas vidas de forma tão recente, pode parecer algo naturalizado pelas novas gerações.

Os meios de comunicação dominaram as novas gerações, ofertando uma infinidade de informações fragmentadas, gerando conseqüências intrigantes como imediatismo, falta de referência e conhecimentos sem profundidade, por causa do excesso de informações superficiais. A tecnologia, com toda sua característica paradoxal, trouxe a dúvida se era um bem criado pela humanidade com tantas facilidades que oferece ou se foi um mal que aprofunda as marcas doloridas como o desemprego e a acentuação das desigualdades. Ela nos mostra que a dicotomia entre bem e mal tem seus territórios diluídos, apontando uma forma de compreendermos que nada é puramente bom e nada é puramente mau.

Além disso, as tecnologias de comunicação provocaram mudanças em especial nos tradicionais campos do saber, antes inacessíveis. A fragilidade do Estado, antes protetor e detentor de todo poder, diante das mudanças tecnológicas e sua íntima ligação com a escola, compreende que não manteve sua soberania. Ao desestruturar a hegemonia da escola e outras instituições formais, estas vêm comprometidas suas funções de detentoras de conhecimento, capaz de promover a autonomia nos indivíduos.

Esse cenário contribui de forma significativa para ilustrar alguns dos motivos que levaram a olhares desconfiados sobre os produtos divulgados pela mídia, os quais, por



meio de imagens e linguagem sedutoras, atraem um grande público para uma cultura de imagens em detrimento das letras, ressaltando as características fragmentadas, de entretenimento e com fortes vínculos políticos e mercadológicos. Dessa forma, a democracia almejada se encontra comprometida para fazer do direito à Comunicação um espaço de liberdade de expressão de cidadãos autônomos.

Por outro lado, apesar de seus questionamentos na atualidade, a escola sempre ocupou papel relevante na sociedade, sendo um projeto idealizado de um espaço socializador para formar cidadãos emancipados, pelo qual permite-se o direito de acesso ao conhecimento universal, igualitário e democrático. No entanto, os dias de hoje refletem conseqüências de seu histórico sinalizando nessa instituição social a consolidação da reprodução das desigualdades sociais, como alertam Bourdieu e Passeron na década de 1970, levando à perda do potencial emancipador pelo mecanismo de regulação. A escola convive hoje com casos de violência, indisciplina, delinqüência juvenil, drogas em ambiente escolar, fazem com que os próprios educadores questionem seus papéis, causando muitas vezes um desânimo diante da desvalorização da profissão.

O papel idealizado da escola como instituição oficial de formação dos cidadãos contribuiu para omitir interesses de instâncias sociais vinculadas ao poder da classe dominante e ao poder político e econômico. Enguita (1989) questiona a supremacia da teoria do mundo das ideias que, muitas vezes, se distancia do mundo material. O pensamento linear da modernidade passou a imperar em busca da perfeição, do culto, do padrão, do correto. O rigor disciplinar reforçou os princípios de hierarquias, sistematizou metodologias em que privilegiou e imperou a voz do professor, o aluno deixou de apresentar-se com sua principal caracterização de ser social como sujeito ativo e passou a atuar como mero objeto, futuramente necessário para o sistema. Althusser argumenta, ainda, que “a educação consistiria um dos principais dispositivos através do qual a classe dominante transmitiria suas idéias sobre o mundo social, garantindo assim a reprodução da estrutura social existente” (SILVA, 1996, p. 84).

Os modos tradicionais de educação passaram a ser questionados com a mesma intensidade com a qual o homem passou a questionar-se no mundo. Com isso, novas formas de ensino passaram a ser exigidas para que a educação passasse a ser um



caminho de socialização menos tortuoso, pois as relações sociais foram se transformando, exigindo que o processo educativo também se transformasse.

Essas características refletem as marcas de instabilidade e insegurança geradas pelo sentimento de impotência, causando dúvidas sobre onde o mundo vai parar. Nesse sentido, sociólogos e outros pesquisadores das ciências sociais atribuem a inversão de valores às grandes transformações históricas da sociedade, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX. A expansão da tecnologia e dos meios de comunicação é alvo freqüente como causadora dessa desestabilização motivada pela influência exercida pela cultura industrial.

O processo de ensino e aprendizagem envolve uma série de fatores complexos, afinal, é o processo pelo qual o homem permite-se desenvolver o conhecimento e que este seja partilhado. Na escola, os alunos vêm dotados de conhecimentos prévios oriundos de sua experiência de vida, por uma diversidade de fontes. Cada vez mais, na sociedade da informação, os alunos trazem na bagagem um repertório cultural marcada por referências não experienciadas em outros momentos históricos.

Até pouco tempo na cronologia da humanidade, as referências trazidas para a escola tinha a família e a igreja como principais fontes. Com a modernidade, os meios de comunicação iniciaram o processo de popularização das informações. Mas o processo ainda não era democrático, pois para se ter acesso às informações da imprensa era preciso passar pelo processo de escolarização para saber ler. No século XX, os meios eletrônicos permitiram que por meio de som e imagens, as informações passassem a ser acessíveis a todos, sem a necessidade da escola. Nascia aí um grande desafio para a escola: lidar com alunos carregados de informações. O papel da escola mantinha ainda sua função social de sistematizar os conhecimentos. Os desafios pelos quais a escola passou são decorrentes dos momentos históricos, refletindo a associação com o que ocorria com o mundo, afinal, a escola não pode ser analisada fora do seu contexto (ABRAMOVICZ, 1994). Sem necessariamente assumir o papel de reprodutores do sistema, outras instâncias passam a fazer parte do jogo, confirmando que “os componentes do todo social tem uma função de conservação e reprodução do equilíbrio do sistema” (ENGUIITA, 1989, p. 138).



Esse cenário impulsiona para uma reflexão para superar a crise, em busca de referências que contribuam para fazer uma análise crítica dessas influências. Contudo, para se ter uma boa base crítica que não se restrinja a criticar e manter posturas de resistência sendo necessário buscar no diálogo e na alteridade, alternativas para sobreviver em um mundo com tanta agilidade e ritmo desenfreado para que não haja descompasso entre a vida na escola e a vida na sociedade.

A interface

O interesse pelos estudos relacionados à educação e à comunicação parte da importância desses dois campos na formação do pensamento dos cidadãos por serem instituições com as quais as pessoas se relacionam. A trajetória da educação e da comunicação permitiu visualizar que são sistemas complexos que, embora possam não compartilhar dos mesmos princípios, são presentes na sociedade e desempenham papéis fundamentais na formação do pensamento.

Encontramos mudanças nas relações sociais que, agora, são mediadas por aparelhos eletrônicos. Essa sensação de dificuldade em lidar com as características de novas formas de aprender (BABIN; KOULOUMDJIAN, 1983) que circundam a sociedade globalizada merece ser analisada como parte do processo de transformação da sociedade, mas traz sentimentos de desencanto, de medo, de impotência em concorrer com o avanço da tecnologia que avançam sua expansão nos lares. Enquanto imperar a hierarquia, o aluno sempre será submisso, apático, sem oportunidade para se expressar, que é uma característica humana. Diante da falta de domínio sobre a situação, a alternativa mais palpável é a crítica aos meios. Na visão do educador mexicano Orózco-Gómez (1997, p. 57) “na polêmica televisão *versus* crianças, mais que proibir, ralhar, ou pior, consentir pacificamente, cabe aos professores e à escola prepararem-se para assumir o papel de mediadores críticos do processo de recepção”.

O distanciamento entre as áreas da comunicação e da educação gerou um descompasso porque a escola procurou reforçar essa idéia de um *locus* de conhecimento inacessível, distanciou a linguagem escolar da linguagem disponível pelos meios de comunicação e sustentou a concepção de escola como reprodutora do saber porque não tem vínculo com a realidade. Além disso, há



muitas dificuldades nas instituições para romper com o instituído pela modernidade e abraçar a proposta de mudança. Isto é, por mais que o mundo avance na direção de abraçar a diversidade do cotidiano como espaço-tempo de tessitura de conhecimento e por mais que a estratégia oficial traga esses avanços nas suas propostas curriculares, no cotidiano escolar, as dificuldades de mudanças são imensas (OLIVEIRA; SGARBI, 2002, p.11).

Esse receio ocorreu em virtude de a educação escolar estar sofrendo crises em sua atividade, tendo em vista a complexa juventude que freqüentava seus bancos escolares, com queixas sobre indisciplina, desrespeito, desinteresse dos alunos pelos conteúdos escolares.

Segundo Orózco-Gomez (1997), “a escola e a família, enquanto instituições especificamente encarregadas da educação são talvez as mais desafiadas pela presença dos modernos meios e tecnologias de informação” (p. 57). A escola encontra aí seu papel comprometido frente à concorrência com a mídia.

Mais do que aproximar as linguagens, a prática ultrapassa a proposta de somente colocar a TV como um recurso didático. Apesar da tentativa de aproximar a linguagem, “a simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica” (MARTÍN-BARBERO apud SOARES, 1999, p. 61). Este tipo de ação é um mero pretexto para camuflar um problema mais enraizado do que só falar a língua da mídia: o problema encontra-se na incompatibilidade não só de linguagem, mas de metodologias de diálogo. Caso contrário, a aproximação da comunicação com a educação fica restrita à sofisticação do ensino autoritário.

O pedagogo brasileiro Paulo Freire (2002), considerado um dos pensadores que mais aproximou a educação da comunicação, deixou claro que a comunicação é fundamental para o processo educativo, cabendo ao professor o papel de mediador e não de um disciplinador que impõe idéias e estabelece modelos de comportamento. Para ele, o diálogo deve ser constante no processo de ensino e de aprendizagem, em que ser dialógico



é vivenciar o diálogo [...] é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em ‘seres para outro’ por homens que são falsos ‘seres para si’ (FREIRE, 2002, p. 43).

Acompanhar as mudanças da sociedade abre caminhos para a reflexão de que “a própria hegemonia é um conceito historicamente questionável, e o questionamento nos afasta tanto da unanimidade quanto da obviedade” (OLIVEIRA, SGARBI, 2002, p. 9). A reflexão teórica a respeito das formas possíveis de exercício de cidadania exige buscar a ampliação do “diálogo entre as diferenças na tessitura de formas novas de cidadania, buscando evidenciar o valor da diversidade”.

A Interface Comunicação e Educação nos Congressos Científicos

O interesse pelos estudos relacionados à educação e à comunicação parte da importância desses dois campos na formação do pensamento dos cidadãos por serem instituições com as quais as pessoas se relacionam. A trajetória da educação e da comunicação permitiu visualizar que são sistemas complexos que, embora possam não compartilhar dos mesmos princípios, são presentes na sociedade e desempenham papéis fundamentais na formação do pensamento. Suas características contraditórias se entrecruzam, formando a riqueza do tecido que está sendo construído e apresenta a existência de diferentes vertentes sobre a relação entre as duas áreas:

- a) Estudos epistemológicos da relação Comunicação e Educação: nessa vertente, os pesquisadores desenvolvem algum tipo de pesquisa teórica no campo da inter-relação entre as duas áreas;
- b) Educação para a comunicação: essa visão foi amplamente difundida, tendo o pensamento frankfurtiano como referencial teórico, com severas críticas à indústria cultural promovida pelos meios de comunicação de massa. Acreditam que essa indústria estereotipa e globaliza o pensamento. Para combater os males causados pela mídia, é necessário educar os alunos para receberem criticamente as mensagens



- mediáticas. Os profissionais dessa vertente dedicam-se a projetos específicos ou à prática curricular normal;
- c) **Mediação Tecnológica:** conhecida pelo uso das tecnologias na educação, utiliza instrumentos de comunicação, em especial, o computador em sala de aula, como recurso didático. Essa visão leva em consideração aproximar as linguagens da escola às linguagens sociais com as quais os estudantes estão familiarizados. Acredita-se que o uso de recursos, em especial os audiovisuais, desperta a atenção dos alunos e visa usufruir a utilidade das ferramentas tecnológicas, bem como para compatibilizar com as linguagens fora do contexto escolar. A utilização de prática educativas no espaço da comunicação, como a inserção de programas educativos, conquistou espaço pela pressão moralizante e condenatória de movimentos da sociedade frente à “baixa” cultura veiculada pela mídia. Acredita-se, assim, que aproveitam os meios de comunicação para que a educação e a cultura sejam democratizadas em todos os lares.
 - d) **Gestão da comunicação em espaço educativo:** a tendência tornou-se mais acentuada com especialistas que atuam em organizações sociais, desenvolvendo atividades que privilegiam a comunicação como prática pedagógica, promovendo a ação comunicativa como processo para as relações sociais;
 - e) **Comunicação cultural e Comunicação em ações voltadas à cidadania:** os pesquisadores dessa vertente enfatizam a utilização de várias linguagens e expressões artísticas e/ou visando a melhoria na qualidade de vida frente à diversidade humana, oportunizando minorias, nem sempre privilegiadas ou representadas em mídias convencionais.

A existência desses diferentes enfoques demonstra que a relação entre a educação e a comunicação é vasta e apresenta variadas formas de compreender o papel do sujeito, com pontos de vista bem definidos e diferenciados. O simples uso de uma preposição gramatical (educação na comunicação, educação para a comunicação, comunicação na educação, comunicação para a educação, educação com a comunicação, comunicação pela educação), pode determinar o distanciamento ou a aproximação das duas áreas. A busca de uma definição de um corpo teórico apresenta nomes diferentes para suas práticas: Pedagogia da Comunicação, Educação para os meios, Educomunicação, Comunicação Educacional, Educação pelos meios.



Independente das diferenças teóricas, todas têm pontos em comum: a relação entre as áreas e o objetivo de ampliar seus estudos. Discutir os diversos aspectos que envolvem a relação entre as duas áreas contribui para refletir sobre as práticas e as perspectivas diante da complexidade que envolve a compreensão dos sujeitos no processo.

Diversas reflexões sobre a relação existente entre a comunicação e a educação têm sido levantadas por pesquisadores de diversas áreas, sobretudo da Educação e da Comunicação, cujos estudos são apresentados em congressos nacionais pela Associação Nacional de Pesquisa em Educação (Anped) e pela Sociedade Interdisciplinar para os Estudos em Comunicação (Intercom), bem como são desenvolvidos por grupos de pesquisa registrados no diretório do CNPq em diversas universidades brasileiras (MOSTAFA; HOEPERS, 2004). Vermelho e Areu (2005) publicaram um artigo sobre a análise que realizaram a partir de 58 periódicos publicados de 1984 a 2004, que privilegiavam a temática da interface, no qual descrevem a complexidade e a necessidade de desenvolverem metodologias de pesquisa específicas. Esse campo de pesquisa tem sido caracterizado pela multidisciplinaridade, o que confere uma ampla gama de referenciais distintos por seus diferentes pressupostos teóricos.

Localização dos Artigos Apresentados

Diante da diversidade, Mostafa e Máximo (2001) analisaram as literaturas publicadas nos artigos apresentados no Intercom e na Anped, no período de 1994 a 2001. O objetivo foi as referências mais influentes que constituem a frente de pesquisa. Na investigação, constataram que os dados apontaram o humanismo e a teoria crítica mais presentes nos trabalhos do Intercom, enquanto o pós-estruturalismo foi a tendência mais presente nos trabalhos da Anped.

Tomando como referência essa publicação e, de maneira mais delimitada, optamos por verificar como as tendências se apresentam após uma década dentro das vertentes da interface. Nessa abordagem empírico-analítica é possível encontrar apontamentos quantitativos da produção científica que propiciam aos pesquisadores indícios para correlações. A categorização não focou especificamente na frequência das referências teóricas utilizadas, nem em palavras-chave e resumos, tendo em vista que os artigos da



Anped não apresentam a mesma estrutura de artigo adotada pelo congresso da Intercom. Foi considerado então, a ideia central dos artigos.

Na trigésima terceira reunião da Anped, em outubro de 2010, foram apresentados 15 artigos no GT Educação e Comunicação, sendo 2 voltados para a Educação para os Meios, 7 envolvendo a vertente Mediação Tecnológica, 1 sobre a Gestão Comunicacional em Espaço Escolar. Vale ressaltar os artigos que se diferenciam destas vertentes, apresentando 1 artigo sobre a formação do professor e 4 trabalhos sobre análise da representação de jovens, crianças em produtos midiáticos como anúncios publicitários ou cinema.

No trigésimo terceiro congresso das Ciências da Comunicação foram apresentados 31 trabalhos, sendo eles distribuídos em: 4 trabalhos que versam sobre as questões teóricas e reflexivas do campo da inter-relação, 4 trabalhos sobre a importância da educação ou alfabetização da leitura dos meios, 11 trabalhos envolvendo projetos voltados à mediação tecnológica, com destaque para o espaço virtual de blogs, ambientes virtuais de aprendizagem e utilização de recursos multimidiáticos, 3 artigos sobre o desenvolvimento de projetos que envolvem a gestão comunicacional, 4 trabalhos sobre representações em produtos midiáticos e 5 trabalhos com foco na importância da formação de professores e/ou comunicadores.

Observamos que, resguardando as diferenças quantitativas de artigos publicados, há uma proximidade de interesse em ambos os Grupos de Pesquisa, no que tange às Mediações Tecnológicas como instrumento e recurso didático, seja por ser o universo multimidiático uma referência cultural e de informação dos estudantes, seja por promoverem linguagens compatíveis às novas formas de aprender. Embora todos os trabalhos apresentem aporte teórico, poucos trabalhos foram focados nas tendências epistemológicas e teóricas do campo. Uma vertente com número significativo nos dois congressos foi a preocupação com a formação de profissionais, sejam eles professores ou comunicadores – e mesmo educadores, o que destaca especial atenção sobre as formas de lidar com o ensino, num momento em que passamos por desafios de novas formas de aprender.



Vale ressaltar que trata-se apenas de um panorama geral para verificar os direcionamentos dos artigos, visto que a interface proporciona uma multiplicidade filosófica, epistemológica, ontológica. Este panorama abre espaço para novas indagações e convite inquietações para acompanhar a dinâmica das pesquisas da interface. Apesar de os artigos serem apresentados em congressos de áreas de conhecimento distintos, quando se trata das questões da interface, há mais proximidades do que divergências, apontando um diálogo de embates que caminham para a consolidação de um campo complexo, mas de grande relevância na atualidade: a interface Comunicação e Educação.

Referências

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender**. A geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas, 1983.

BELLONI, Maria Luiza. Tecnologia e Formação de Professores: Rumo a uma pedagogia pós-moderna? In: **Educação & Sociedade**. n. 65. Ano XIX, dez/1998.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1975.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola**. Educação e Trabalho no Capitalismo; trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 133-159.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MOSTAFA, Solange Puntel; HOEPERS, Idorlene da Silva. Grupos de pesquisa em Educação/Comunicação. In: **Anais do 27ª Reunião Anual da Anped**. Caxambu/MG, 2004.

MOSTAFA, Solange Putnel; MÁXIMO, Luis Fernando. A produção científica da Anped e da Intercom no GT Educação e Comunicação. In: **Ciência da Informação**. Vol. 32, n. 1, Brasília, jan/abr. 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo (orgs.). **Redes culturais**. Diversidade e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ORÓZCO-GOMES, Guillermo. Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. **Comunicação & Educação**. ano III, n. 10, Editora Moderna/USP, 1997, p. 57-68.

SILVA, Tomaz Tadeu. O currículo como artefato social e cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidades Terminais**. As transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 83-96.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Brasília: **Contato**, ano 1, n. 2, 1999.



VERMELHO, Sonia Cristina; AREU, Graciela Inês Presas. Estado da Arte da Área de Educação e Comunicação em Periódicos Brasileiros. In: **Educação & Sociedade**, vol. 26, n. 93, p. 1412-1434. set/dez. 2005.